

# Engenheiro conta como fundou Setiba

*Raymundo César Freire Bede, 73 anos, era um dos proprietários da área onde surgiu Setiba*

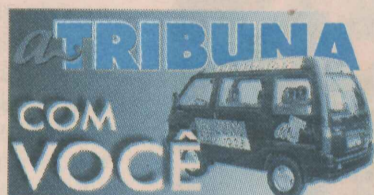
**F**undador do bairro de Setiba, em Guarapari, o engenheiro civil Raymundo César Freire Bede, 73, sabe bem como a urbanização chegou ao balneário.

Professor aposentado da escola de engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ele era um dos proprietários da área onde hoje existe a comunidade e conta que, há 40 anos, a idéia era construir um grande loteamento.

“Éramos em quatro sócios, em uma empresa de engenharia, e compramos essa área em 1959. Em 1960, começamos as obras de um grande loteamento aqui em Setiba. Na época, só havia mesmo uma aldeia de pescadores. O resto era mato rasteiro de restinga”, recordou Raymundo.

Nascido no Estado do Pará, o engenheiro mora em Belo Horizonte, Minas Gerais, há 52 anos, e frequenta Setiba desde que conheceu o local que achou perfeito para um loteamento à beira-mar.

“Toda essa área de ponta a



ponta das praias, o morro, até a parte que vai além da Rodovia do Sol, pertencia a um capixaba chamado José da Cunha Lima, que morava aqui em Guarapari e era dono também da praia de Santa Mônica”, comentou.

Ele contou que conheceu o dono das terras em Minas Gerais, enquanto comprava um carro, e recebeu o convite para conhecer Setiba. “Fui convidado para vir e vim. Essas praias eram particulares e nossa empresa resolveu então comprar o terreno”, disse.

Raymundo contou que os sócios não tiveram apoio para fundar o loteamento, que tinha inicialmente 490 lotes, e que foram eles que trouxeram iluminação e o primeiro sistema de abastecimento de água para Setiba.

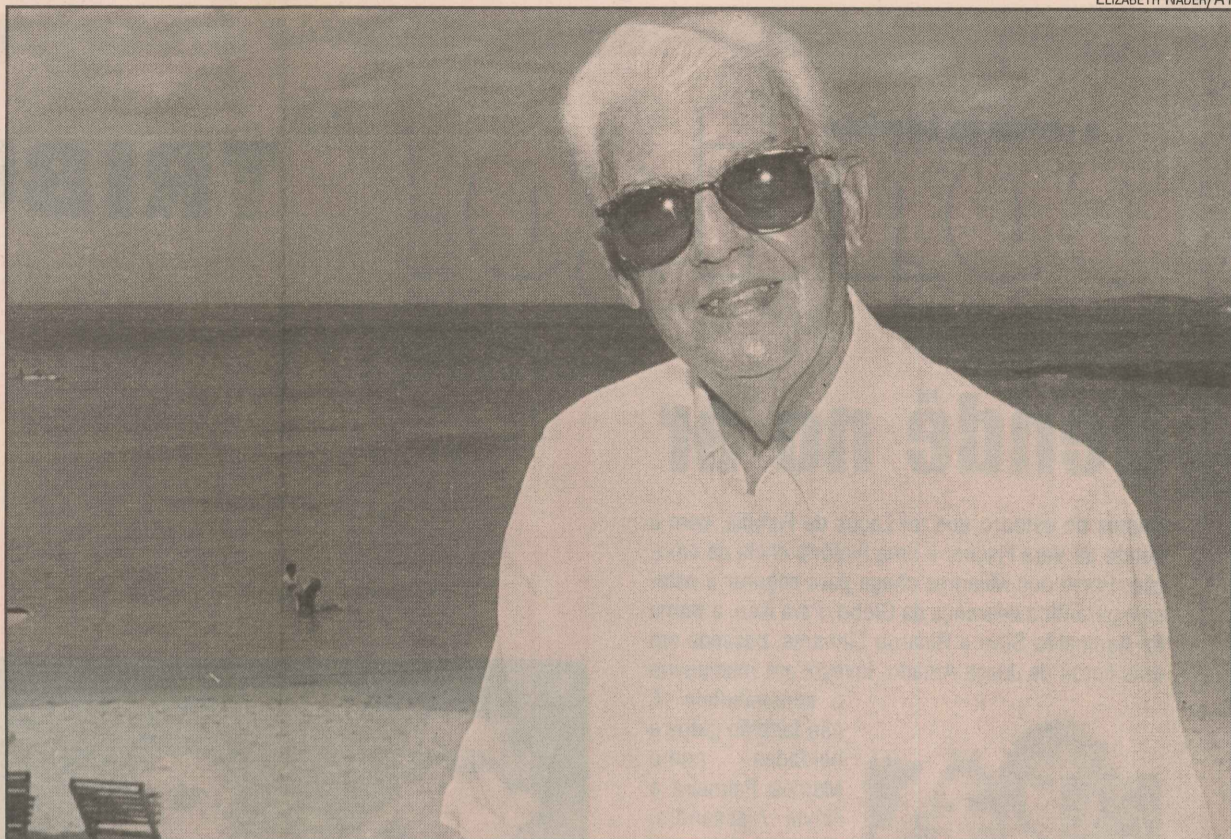
## Projeto previa construção de hotel

O engenheiro civil Raymundo César Freire disse ontem que, há mais de 20 anos, entre os planos para Setiba estava a construção de um grande hotel.

“Aprovamos a planta na Prefeitura de Guarapari e começamos o loteamento. Em 1980, uma área de 45 mil metros quadrados, na ponta de Setiba, foi vendida para a construção de um hotel, que até hoje não foi construído”, lembrou.

Com a morte de dois sócios, na década de 80, o loteamento foi vendido para uma empresa capixaba, que não conseguiu levar o negócio adiante, deixando o bairro de Setiba abandonado.

“Nesse tempo aconteceram muitas invasões. Até hoje Setiba sofre com a falta de apoio municipal. Muito do que foi feito é realização da própria comunidade. Mas eu adoro este lugar e agora quero passar maior parte da minha aposentadoria aqui”, afirmou Raymundo.



Raymundo: a idéia do grupo era construir um grande loteamento

## Meninos bons de bola

Cerca de mil crianças e adolescentes, entre quatro e 17 anos, da região de Setiba, Santa Mônica, Perocão e outros bairros, em Guarapari, são atendidas pela Associação “Bom de Bola, Craque na escola, Com Deus no coração”.

A valorização da criança é o lema do projeto que, só entre os moradores de Setiba, atende mais de 120 crianças. As partidas de futebol de meninos e meninas são realizadas de 28 de abril até dezembro, todos os sábados, na praia de Santa Mônica.

Fundador e coordenador do projeto, o bancário Luiz Carlos Mendes de Almeida, Luiz Amor, explicou que todo o trabalho é realizado por voluntários.

“São 110 voluntários, moradores da região Norte de Guarapari. Nosso trabalho é dividi-

do em diversas etapas que vão além da copa de futebol, com a distribuição de lanches, realização de passeios educativos e reuniões com os atletas matriculados”, disse Luiz Amor.

As atividades do projeto são gratuitas. Para a criança participar, é preciso frequentar regularmente a escola e seguir alguma religião.

“A criança, além de jogar, participa de debates com os assuntos que mais chamaram a atenção nos jornais durante a semana. O objetivo do trabalho também é acompanhar o ano letivo dos atletas que precisam ter uma religião para desenvolver o respeito e a moral”, afirmou o fundador.

O projeto tem como embaixador o árbitro da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Márcio Rezende de Freitas, que

todos os anos apita a final da Copa Comunitária, realizada em dezembro.

Festas e reuniões com participação dos pais também fazem parte do programa e trabalham a auto-estima dos pequenos craques, que se sentem parte de uma grande família.

“Nas finais da copa, os atletas são convidados a levar seus pais para entrar em campo. Além disso, ajudam na campanha para o almoço de Natal, onde é realizada a confraternização entre os atletas, famílias e amigos”, ressaltou Luiz Amor.

O trabalho dos voluntários busca a participação de patrocinadores para os uniformes usados nas competições. As empresas interessadas podem entrar em contato com a sede do projeto pelo telefone (0xx27) 262-1492.